



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

CRÔNICAS EM JORNAIS PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XIX

Vívian Sara de Moura Santana¹
Sherry Morgana Justino de Almeida²

RESUMO

O presente artigo demonstra como as crônicas do século XIX entrecruzam limites com outros gêneros e como isso torna sua compreensão/definição, enquanto gênero literário, mais complexa. Para isso, o trabalho analisou o corpúsculo resultante do projeto “Crônicas em Jornais Pernambucanos do século XIX”, desenvolvido no Departamento de Letras de 2021 a 2023, com apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da UFRPE, cujo objetivo principal foi a formação de um corpúsculo e a caracterização de crônicas publicadas em periódicos pernambucanos do século XIX. A partir das leituras da bibliografia teórica, foi possível conhecer e compreender os aspectos formais do gênero desde sua origem, pensamos o gênero crônica, pesquisamos sobre os jornais pernambucanos do século XIX, transcrevemos, caracterizamos e classificamos os tipos de crônicas mais frequentemente encontradas. As transcrições das crônicas foram realizadas seguindo as notações para transcrições de textos manuscritos e impressos de Guedes e Berlink (2000, p.12) e foram concluídas 60 transcrições. Além disso, foram realizadas classificações de acordo com a tipologia de Bender e Laurito (1993). Neste artigo, demonstramos que as crônicas coletadas e classificadas apresentam características que se mesclam a outros gêneros como o artigo de opinião, o conto e outros. Nesse sentido, o artigo propõe a discussão desse gênero considerado tão popular, mas que ao mesmo tempo torna-se desafiante ao tentar defini-lo.

Palavras-chave: Crônica. Jornais pernambucanos. Século XIX. Literatura brasileira.

¹ Graduanda em Letras (UFRPE), vivian.moura@ufrpe.br

² Prof.^a Dr.^a Departamento de Letras (UFRPE), sherry.almeida@ufrpe.br

RESUMEN

Este artículo muestra cómo las crónicas del siglo XIX cruzan fronteras con otros géneros y cómo esto hace más compleja su comprensión/definición. Para tal fin, se analizó el corpus resultante del proyecto (Crónicas en periódicos pernambucanos del siglo XIX), desarrollado en el Departamento de Letras de 2021 a 2023, con el apoyo del Programa Institucional de Becas de Iniciación Científica (PIBIC) de la UFRPE, cuyo principal objetivo fue formar un corpus y caracterizar las crónicas publicadas en periódicos pernambucanos del siglo XIX. A partir de la lectura de la bibliografía teórica, fue posible conocer y comprender los aspectos formales del género desde sus orígenes, reflexionar sobre el género crónica, investigar los periódicos pernambucanos del siglo XIX y transcribir, caracterizar y clasificar los tipos de crónica más frecuentes. Las transcripciones de las crónicas se hicieron siguiendo las anotaciones para la transcripción de textos manuscritos e impresos de Guedes y Berlink (2000, p.12) y se completaron 60 transcripciones. Además, se realizaron clasificaciones según la tipología de Bender y Laurito (1993). En este artículo, mostramos que las crónicas recogidas y clasificadas tienen características que se mezclan con otros géneros como el artículo de opinión, el cuento y otros. En este sentido, el artículo propone una discusión sobre este género considerado tan popular, pero que al mismo tiempo es desafiante de definir.

Palabras clave: Crónica. Periódicos de Pernambuco. Siglo XIX. Literatura brasileña.

1. INTRODUÇÃO

A partir da prosa historiográfica percebe-se que teve início no período medieval com os chamados crônicas que se caracterizavam como uma ordenação cronológica dos fatos históricos e também com a obra de Fernão Lopes, uma vez que essa produção textual teve seu ápice durante o Humanismo. Sua atuação como guarda-mor da Torre do Tombo em 1418 e a consecutiva nomeação como cronista-mor documentando e relatando os fatos históricos, afastando-se da perspectiva lendária e do maravilhoso, possibilitou uma mudança para a Literatura Portuguesa, principalmente para o gênero crônica. No Brasil, alguns estudiosos afirmam que o primeiro registro da crônica se deu por meio da Carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, ao relatar ao rei D. Manuel os acontecimentos referentes ao “descobrimento” do Brasil em 1500.

Ao pesquisar o conceito de crônica no contexto moderno, encontramos diversas definições. O dicionário Oxford Languages³, por exemplo, "define" o gênero crônica como "texto literário breve, frequentemente narrativo, de trama quase sempre pouco definida e motivos geralmente extraídos do cotidiano imediato". Se buscarmos defini-la a partir dos conceitos de alguns teóricos, observamos algumas considerações importantes. Massaud Moisés nos explica que a "crônica oscila, pois, entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial e a recriação do cotidiano por meio da fantasia." (MOISÉS, 1978, p. 105). De acordo com ele, a crônica encontrada em jornais, por vezes, apresenta-se de forma rebuscada em relação ao que está sendo relatado, ou seja, ela consegue mesclar a realidade com a fantasia.

A crônica também possui caráter despretensioso, de uma conversa cotidiana que consegue aproximar-se do leitor, como chama a atenção Davi Arrigucci Jr.: "Despretensiosa, próxima da conversa e da vida de todo dia, a crônica tem sido, salvo alguma infidelidade mútua, companhia quase que diária do leitor brasileiro". (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 51). Essa presença no cotidiano oferta a crônica – de maneira geral – uma linguagem de teor coloquial, próxima ao público. Nas palavras de Candido: "Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela (a crônica) se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural". (CANDIDO, 1992, p.14)

Certamente, se pensarmos a crônica somente para o jornal (onde geralmente é publicada) e de conteúdos que necessitam ser breves, o gênero atenderia todas essas definições. Porém, os teóricos que se aprofundaram sobre o gênero não concordam com essa simplificação.

Bender e Laurito (1993), por exemplo, trazem alguns tipos de crônicas, a saber: a crônica narrativa, cujo eixo é uma história e se aproxima do conto; crônica metafísica, constituída de reflexões mais ou menos filosóficas sobre os acontecimentos ou os homens; crônica-poema em prosa, que apresenta um conteúdo lírico, o extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele significativos e a crônica-comentário, abordando os

³ Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em 15 de maio de 2025, às 21h39min.

acontecimentos, onde tem de tudo. Contudo, em seguida, deixam claro que delimitar o gênero a certas definições ou tipos não é o correto nem produtivo: “É evidente que essa classificação não implica o reconhecimento de uma separação estanque entre os vários tipos, os quais na realidade se encontram fundindo traços de uns e outros” (BENDER e LAURITO, 1993. p. 57).

Dessa forma, ao apresentar traços de outros gêneros fundidos em sua estrutura ou serem, de fato, outros gêneros funcionando como crônicas, torna-se difícil uma caracterização e perfil unívoco. Por isso, tentar delimitar em “caixinhas” o que deve ser ou não crônica não se apresenta relevante senão pela possibilidade de discussão e conhecimento do gênero. Além disso, a crônica por vezes não é considerada um gênero de grande relevância, ainda mais por ser derivada dos jornais, em que a brevidade e a objetividade são as palavras-chave da textualidade nesse meio. O que a torna um gênero ainda não aprofundadamente estudado, embora seja um dos mais profícuos da história da literatura brasileira.

Por esses motivos, este trabalho se torna necessário enquanto contribuição não apenas para o âmbito teórico dos estudos de gêneros literários, mas também como contribuição para a história literária – do ponto de vista de mapeamento do que e do como se escrevia cronicamente em Pernambuco ao longo do século XIX.. Nesse sentido, o objetivo deste artigo está no papel de divulgar o gênero e a necessidade de conhecer e tentar compreender as especificidades da crônica, ao passo que se volta a trazer a público textos de cronistas pernambucanos do século XIX.

2. METODOLOGIA

Inicialmente e também ao longo da pesquisa, foram realizadas leituras dos textos propostos teóricos e literários no projeto para compreensão do gênero crônica e assim conseguir um auxílio para o processo de coleta dos acervos digitais na Companhia Editora de Pernambuco (CEPE). Para discussão em compreensão dos textos, houve reuniões periódicas com a orientadora, além da participação em curso sobre introdução à Paleografia, pelo LeDoc (Laboratório de Edição e Documentação linguística de Pernambuco, concebido em 2015 pelo Edital Facepe 012/2014 e indicado o site ledoc.com.br), cujo conteúdo programático permitiu uma melhor

compreensão do tratamento, leitura e transcrição de documentos históricos. Sendo assim, foram executadas as transcrições de 60 (sessenta) documentos escritos, a partir das notações para transcrições de textos manuscritos e impressos de Guedes e Berlink (2000, p.12; Quadro 1) e das orientações e normas já prescritas no LeDoc e no Histel, de jornais pernambucanos do século XIX, mantendo a originalidade dos textos. E ainda, a análise do corpúsculo pautada na historicidade do texto e da língua e nas questões estéticas do gênero, considerando seu percurso sócio-histórico bem como suas dimensões constitutivas. Nesse sentido, foram concluídas 60 transcrições e o processo de transcrição não apresentou grandes dificuldades, talvez um pouco de estranhamento na forma como a escrita de algumas palavras eram realizadas no contexto do século XIX.

Quadro 1: Notações para transcrição de textos manuscritos e impressos

[]	Indica a ausência de uma letra/sílaba na palavra ou de uma palavra dentro de um enunciado. Ex.: a[c]eita-se pedidos; para poder continuar [] vender; para o verão e arti[]s de modas.
[[]]	Indica que a letra/sílaba/palavra estão repetidas. Ex.: drigi[[gi]]ram; dinheiro [[a dinheiro]].
[ilegível], [furo] [corroído], [espaço]	Indica que uma dessas situações aconteceu no texto transcrito. Ex.: assim ao modo de [ilegível] que há tempos; faz [furo] sciente ao Público; vende-se huma propriedade [corroído] de tres andares; de profiçãõ agrônomo. [espaço] com boas referências.
	na maioria dos casos, a barra simples indica mudança de linha.
	indica mudança de parágrafo.
<i>Itálico</i>	Indica desenvolvimento de abreviaturas. Ex.: <i>Senhor, réis, número, Excelentissimo, Nossa Senhora, ReVerendissima.</i>

3. É CRÔNICA OU NÃO?

Antes de apresentar as classificações realizadas das crônicas coletadas nos jornais pernambucanos do século XIX, é importante aprofundar um pouco a discussão acerca da tentativa de conceituação do gênero crônica. Na dissertação *A crônica: problemáticas em torno de um gênero* (2005), de Simone Cristina Salviano Ferreira a autora aponta que a pesquisa voltada para a categorização de textos se baseia na ideia de que existem padrões que possibilitam reunir textos, de forma

racional, pela similaridade que apresentam, estabelecendo uma relação desses textos a uma categoria, a qual pode ser reconhecida facilmente por um falante da língua que possua um conhecimento cultural básico acerca de textos, tanto escritos quanto orais.

Considerando a difícil tarefa de categorizar textos, que são objetos complexos e diversos, e levando em conta a abundância e diversidade de categorias de textos existentes bem como os diversos fatores externos que influenciam em sua produção, pode-se entender porque a crônica apresenta-se desafiante ao classificá-la.

Esse tipo de texto, a crônica, é descrito por especialistas como um estilo leve e descontraído, parece esconder diversos segredos, ao transitar entre diferentes formas textuais e por vezes se estruturar de maneira semelhante a poemas, por exemplo. Nesse sentido, Dimas (1974) já abordava a natureza ambígua da crônica, algo que também é discutido pelos críticos contemporâneos. O autor considera que a crítica ignora a crônica por dois principais motivos: primeiro, pela relação imediatista e utilitária que a crônica estabelece, visando aumentar os recursos financeiros do jornalista e do intelectual; segundo, devido à influência do tempo, que está intimamente ligado à crônica. Nesse contexto, a crítica questiona a transitoriedade do texto, uma vez que se trata de uma narrativa factual restrita a um momento específico. Existe também outra perspectiva sobre o tempo, que exige que o escritor seja sucinto e direto, tanto em razão do espaço limitado para seu texto na publicação quanto pelo fato de que o jornal é uma plataforma de publicação diária:

A função cardeal de um periódico é a de informar, por meio de uma linguagem unívoca, sem margem para a ambigüidade. E, dentro das páginas de um jornal, pejudicadas de informações rigorosas, a crônica funcionaria como descanso para o leitor, na medida em que ela se constrói a partir de um evento qualquer, porém moldada numa linguagem que tende para a ambigüidade, tende para a plurivocidade. [...] Espremida entre o rigor informativo e a liberdade verbal, a crônica condensa a tensão narrativa exemplar, cuja fidelidade ao histórico está constantemente ameaçada pela liberdade criativa. Diante do cronista o fato se desfolha, se desventura e, eventualmente se torna tão ambíguo quanto a linguagem que o moldou.[...] a literatura não precisa, em princípio, de nenhum compromisso com a realidade histórica, o mesmo já não pode acontecer com a crônica, cujo motor de arranque é o cotidiano. (DIMAS, 1974,p.48)

É inegável, no entanto, que o caráter diversificado e leve da crônica desafia uma perspectiva rígida sobre a literatura, na qual deve se enquadrar nos parâmetros

estabelecidos do que já se conhece. A crônica, embora familiar, detém a capacidade de se transformar, e mesmo que seja efêmera, sua essência é notável. A marginalização da crônica se origina da sua falta de conformidade com as fronteiras que foram definidas para ela, conforme Portella: “A estrutura da crônica é uma desestrutura: a ambiguidade é a sua lei. Os gêneros literários não se excluem: incluem-se. O que interessa é que a crônica, acusada injustamente como um desdobramento marginal ou periférico do fazer literário, é o próprio fazer literário”. (PORTELLA, 1974, p. 53)

Assim, apesar de terem sido realizadas classificações de algumas crônicas coletadas nos jornais pernambucanos do século XIX, o processo trata-se apenas de um reconhecimento desses textos, visto que nesse período uma definição desse gênero não era tão clara. Desse modo, torna-se evidente que o principal "desafio" da crônica, por não se encaixar perfeitamente nos gêneros literários tradicionais, ultrapassa apenas seu meio de origem. Trata-se de uma forma de expressão que desafia convenções, sendo um texto que mistura diversas influências e ocupa uma posição limítrofe. Assim como também o romance, o conto ou até mesmo a poesia (e até a dramaturgia) não são gêneros literários cujas criações se encaixem “perfeitamente” nas definições, sendo inclusive próprio da literatura desafiar definições, formas e se reinventar permanentemente. Neste ponto, a crônica pode parecer algo intocável e extremamente difícil de entender, no entanto, sua relevância se torna ainda mais clara ao reconhecermos sua capacidade de alcançar os leitores.

3.1. Os Jornais

No decorrer do processo de coleta dos fac-símiles, foi importante perceber como os periódicos apresentavam-se à época, por isso, realizamos um pequeno levantamento sobre esse tema. Primeiramente, é relevante apontar uma contextualização sobre o surgimento da imprensa brasileira antes de passarmos para o contexto dos periódicos pernambucanos.

No artigo *Da Literatura ao Jornalismo: Periódicos Brasileiros do Século XIX* (2006), de Álvaro Santos Simões Junior, vemos que a imprensa nacional teve seu surgimento com a vinda da família real portuguesa em 1808, mas nos primeiros anos de publicações dos jornais não era apresentada uma periodicidade regular, muitas vezes os redatores não eram fixos e as impressões não eram de qualidade, sendo

em muitos casos, redigidas manualmente. Com o passar do tempo, ainda no período regencial, os jornais passaram a ser dirigidos por empresas e em muitos momentos houveram greves por parte dos tipógrafos reivindicando melhores salários e jornadas mais brandas de trabalho, mas há de se perceber que houveram adaptações nesses periódicos com a finalidade de torná-lo mais diversificado e acessível à sociedade. Ademais, também é possível analisar que em larga escala durante o século XIX, esses jornais eram em grande maioria, literários não apenas pela divulgação de textos de ficção (poemas, contos, romances seriados etc.) e de crítica literária (ensaios, resenhas etc.) como também favoreceu a aclimatação da crônica ao Brasil, onde se desenvolveu em difusão, variedade e expressividade.

Partindo para os jornais de Pernambuco, de acordo com Luiz do Nascimento, em seu livro *História da Imprensa de Pernambuco* (1968), a partir de 1829 até meados de 1900 foram criados 66 jornais no Recife e esses periódicos possuíam conteúdos que iam desde a política, relatos sobre o cotidiano pernambucano em geral, assuntos que mostravam as representações artísticas presentes na sociedade, temáticas acadêmicas e outros. Muitos desses jornais tratavam desses e de outros assuntos com humor ou ironia. Segundo Nascimento, a “própria vida geral de Pernambuco e sua história, sob vários aspectos, encontra-se nas folhas liberais ou conservadoras, monarquistas ou republicanas, através de suas lutas políticas, seus problemas sociais, administrativos e econômicos” (NASCIMENTO, 1966, 12). É importante chamar a atenção também para a vida efêmera desses jornais, pois a maioria circulou por poucos meses ou, no máximo, por um ano, a maior quantidade de Recife, mas há periódicos do interior. Também é importante destacar a presença de mulheres escritoras nesses periódicos, de início uma participação restrita a conteúdos literários que depois se vai ampliando. Segundo Moraes, “poucas tiveram uma produção expressiva, mas, incontáveis as que se fizeram presentes. Uma carta, um soneto, uma crônica, um desabafo, uma palavra solidária marcaram a entrada das mulheres no jornalismo pernambucano” (MORAIS, 2007, p.03).

A seguir, destacamos alguns exemplos dos periódicos e suas edições de acordo com o que foi coletado no acervo da CEPE. É importante salientar também que no acervo foram digitalizados jornais que, por vezes, apresentavam apenas uma edição, possivelmente se houveram outras, foram perdidas com o tempo. E, claro, foram extraídos os fac-símiles (**anexo 1**) que continham a proposta desta pesquisa:

- **Alabama - Periódico Noticiosos, Crítico e Alusivo**

No arquivo da CEPE encontram-se duas edições deste periódico, 16 e 30 de maio de 1863. E segundo informações fornecidas no próprio jornal, as publicações eram realizadas nos dias que eles quisessem com um aviso prévio.

- **O Beijo - Jornal dedicado ao bello sexo.**

Esse periódico, de acordo com a informação encontrada nele, as publicações eram realizadas aos sábados e no arquivo encontram-se disponíveis as edições de 18 de janeiro e 15 de março de 1873.

- **Jornal do Domingo - Gazeta Litteraria**

No arquivo da CEPE estão presentes sete edições desse jornal, mas somente em quatro delas foi possível encontrar crônicas a serem transcritas, inclusive de autoria feminina.

3.2. As crônicas pernambucanas do século XIX

Apesar das referentes leituras dos materiais relacionados ao gênero crônica, não é um trabalho fácil identificar, de forma clara, as crônicas contidas nos jornais do século XIX, pois os gêneros não estão bem delimitados nos jornais o que faz com que o caráter cronístico se interseccione em textos que têm traços de outros gêneros como o artigo de opinião, por exemplo.

A seguir, apresento um trecho de um desses textos que poderiam ser confundidos com outros gêneros:

O rei dos astros incansavel em sua aparente e successiva marcha, acaba de desaparecer no occaso ; sua luz brilhante é subtrahida pela noite, que estendendo por sobre a terra seu manto clarificado pela mimosa e fagueira lua, convida aos mortaes cansados dos trabalhos e fadigas do dia a buscarem descanso no repouso, onde visitados por Morfeu, esquecidos de tudo deixam-se prender em seus braços. **(O Iris acadêmico - Periodico Scientifico e Litterario 05 de maio de 1859 (Pág. 5) Título: O suicida. Autor: J. Torquato.)**

Segundo a classificação de Bender e Laurito (1993), essa crônica **(Anexo 2)** poderia ser “definida” como uma crônica narrativa cujo eixo é uma história e se

aproxima do conto, apesar de apresentar um teor lírico. Fica evidente que, sem uma leitura prévia do que pode ser considerado como o gênero crônica, esse texto poderia ser visto somente como um texto de teor poético e, portanto, não ser tomado como uma crônica.

Esse tipo, a crônica narrativa, foi um dos mais comuns encontrados no processo de coleta, conforme fragmentos que seguem. Em ambas (**Anexos 3 e 4**), os autores também se valem de lirismo para descrever mulheres por quem o narrador personagem se mostra enamorado:

Aproximei-me de uma moça, a quem pela primeira vez via: bella como a madona do pintor italiano, ou como a filha das espumas. Oh, quantas vezes pressentimos uma cena do drama futuro! Quantas vezes o genio do bem parece tomar-nos pela mão e dizer-nos ao ouvido: Incauto, vê o caminho que trilhas, repara nos cardos, que o jucam; si pisares n'um delles por certo que seos espinhos pontiagudos se embeberão no teu pé que ainda não pisou a senida das desesperanças. (**Academus - Periodico scientifico e litterario - Pernambuco 15 de Junho de 1876 Título: Devaneios. Autor: Claudius Hermann.**).

Recostada silenciosamente no peitoril de sua janella, Clotilde seismava, talvez, nos mysterios incomprehensíveis do Amor e sua bocca rubra purpurina agitava-me sorrateiramente. Extasiado por esta reprodução fiel da esposa de Vulcano abrandei sensivelmente os passos e o meu olhar – estranho beija-flor, que jamais repuosara em moça alguma, dardejou pelas osas de suas faces, ousando tocar-lhes de mansinho. (**O Album - Orgão da Sociedade Litteraria Brasileira Bernardo Vieira de Mello - 01 de Junho de 1900 (Pág. 3) Título: Clotilde. Autor: Adalberto Ribeiro.**).

Foi comum encontrar textos com teor poético e que, à primeira vista, não seriam tomados como crônicas. Contudo, como vem sendo discutido até agora sobre o que pode ser considerado como crônica e, também, retomando a afirmação de Fernando Sabino de que o gênero pode ser tudo o que autor quiser que seja, adotamos a postura de considerar o recorte cronístico de observação do real sem formato fixo. Apresentamos a seguir alguns trechos das transcrições realizadas a partir de textos que podem ser classificados como crônica - poema em prosa, de acordo com a classificação de Bender e Laurito (1993). Exemplo disso é o fragmento abaixo (**Anexo 5**) em que se destaca a descrição de paisagem, tal qual o *locus amenus* ao gosto clássico:

Era noite. O céu recamava-se de luminosas flores, como se accessas fossem pelos anjos encarregados de velar pela sagrada illumination divina. Aves nocturnas, em alegres bandos, esvoaçam coleremente pelo infinito em fóra; e a lua pratea esplendidamente a terra dando assim, àquellas paragens tristes e silenciosas um tom poetico das bellas noites de Outono. (**O Album - Orgão da Sociedade Litteraria Brasileira Bernardo Vieira de Mello - 01 de Junho de 1900 (Págs. 3-4) Título: Os dous amantes. Autor: Demetrio Martinho**).

Ainda diante desse aspecto de análise sobre o que pode ser considerado como crônica, nas transcrições realizadas, encontramos textos que apresentavam temáticas de etiqueta de como a sociedade deveria se portar, principalmente sendo dirigida ao público feminino, conforme o trecho abaixo:

O pé da mulher foi feito para pisar o chão, porém tem feito andar pelos *ares* muita cabeça de homem,| | Outr'ora precisava para agradar que fosse pequeno e calçasse quando muito 32.| | Hoje pode calçar até 38, comtanto que esteja dentro de| uma botina da moda, destas em que o salto deixa ficar atraz quatro ou cinco pontos.| | Ha:| | O *pé aristocratico*, acreo, cavado, esguio, pequeno, côm de rosa, mimosamente calçado em uns sapatinhos a Luiz XV, que deixam ver a poetica meia de seda !| | E o *pé burguez*, grosso, chato, grande, com o joanete| sahido, a jogar dentro de uma botina de duraque preto| gaspeada. (**Jornal do Domingo (13 de Maio de 1877) (pág. 6) Título: O pé. Autora: Helena Amalia**).

De acordo com a classificação de Bender e Laurito (1993), esse texto destacado pode ser tomado como uma crônica - comentário (**Anexo 6**), pois apresenta variadas situações em que pode ocorrer de "tudo um pouco", inclusive comentários sobre costumes, política e economia.

Outro tipo de crônica baseado na tipologia de Bender e Laurito (1993), foi a crônica metafísica (**Anexo 7 e 8**) que se apresenta como um texto constituído de reflexões mais ou menos filosóficas sobre os acontecimentos ou os homens. A seguir seguem dois exemplos desse tipo:

A primeira idade passa, como passa o vento| que arrebatando as flores do jardim, as arreme|ça ao chão, depois de haurir-lhes o aroma;| e continuando sua carreira vertiginosa, arrasta| tudo que encontra após si, até que para, por|que acha um obstaculo a sua insensatez. | | Assim passa a primeira idade do homem le|vando consigo os perfumes mais delicados que| tem aspirado, os prazeres mais in[[n]]ocentes que| tem gozado : depois vem essa idade em que

nos|sas ideas se tornam mais nobres e mais elevadas,| os nossos desejos mais exigentes e impossiveis de| satisfazer ; os nossos sonhos dourados, sonhos| loucos de amor e de ambição ; as aspirações de| um poder sem limites : um ideal poetico, mystico,| cheio de delirios, tudo que o homem pode| deseja e tem sede de gozar. **(O Alpha (31 de outubro de 1896) (Pág 3) Título: Phases da vida Autor: Sales Moraes).**

Em que nos distinguimos os vivos dos mor|tos ? Os mortos são pó, e nós também somos| pó. Em que nos distinguimos uns dos outros ?| Distinguimo-nos os vivos dos mortos, assim| como se distinguem o pó do pó. Os vivos são pó| levantado : os mortos são pó cahido : os vivos| são pó, que anda ; os mortos são pó que jaz. **(O Iris acadêmico - periodico scientifico e litterario (05 de maio de 1859) (Pág 8) Título: O homem pó. Autor: Padre Vieira)**

Ainda partindo desse aspecto de análise dos textos, encontramos algumas crônicas que podem ser classificadas como metacrônicas. Nesse caso, são os textos que apresentam como tema o processo de escrita da crônica utilizando-se do próprio gênero. Nas palavras de Souza Neves (2014) “[...] é a consolidação da metalinguagem como sendo uma ferramenta singular na construção de uma crítica da crônica através da própria crônica, tendo em vista que, por se tratar de um gênero relativamente novo no cenário literário brasileiro, a crônica tenha um acervo teórico e crítico ainda em constante formação” (SOUZA NEVES, 2014, p. 622). A seguir podemos observar dois exemplos desse tipo de texto **(Anexo 9 e 10)**:

Chronica na presente epoca só se| fôr uma chronica feia, macarronica,| hydropica, andaçuda, coberta de en|chaquecas, afinal uma chronica inele|gel e suja como a estação que atraves|samos, mas uma chronica de verdade| nem por sombras. O Carvalho, o secre|tario da nossa troça de atrevidos no|cos, com a pose do monge Freire na| Thebaida la do Aragão, grita-me : O| seu moço, a chronica é sua e toca a| escrever. Pego da pena... e lá vae obra,[...] **(O Alpha - 22 de outubro de 1896 (Pág 4). Título: Chronica. Autor: M. Monclair).**

Não sou chronista, nem critico,| digo o que sei e o que posso dizer em| face dos acontecimentos. | | Os estellionatarios litterarios e sci|ntificos, possuem uma certa astucia| dolosa em transmettir para si a pro|priedade de pensamentos alheios com| um falso titulo de posse, o que eu| considero uma doença psychologica,| uma enfermidade aggravada pela ma|lnia de subir sem as forças musculares inherentes aos seres fortes. | | Não sei copiar de má fé, trememe| a mão

quebra-se a penna e borra se| o papel quando o faço. **(Evolução - 05 de agosto de 1892 - Anno I N. 1 (Págs. 2). Título: Fructos Amargos. Autor: Desconhecido).**

A metacrônica é um tipologia muito comum no que se refere à produção moderna do gênero publicada em jornais, porque diante da necessidade de se escrever um texto novo todos os dias, os autores ficam sem assunto e recorrem constantemente a tratar do próprio ato de escrita, seja das dificuldades ou aspectualidades da qualidade de uma crônica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

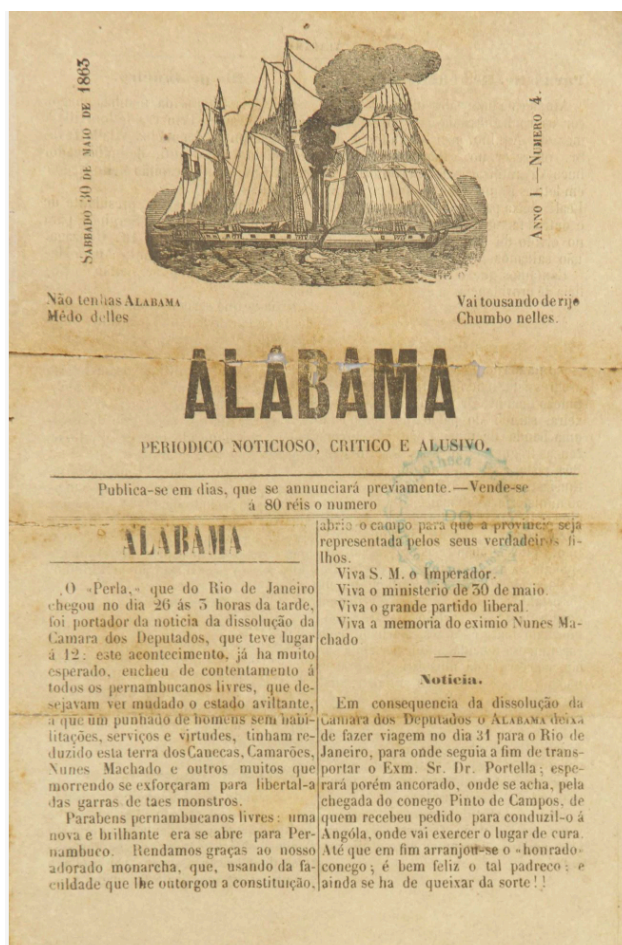
A escrita deste artigo, resultante da participação no projeto “Crônicas em Jornais Pernambucanos do século XIX”, permitiu a obtenção de uma experiência satisfatória com a área de pesquisa e, principalmente, possibilitou conhecer como o gênero crônica foi se modificando ao longo da história, foi possível a composição e caracterização dos jornais pernambucanos e do corpus transcrito. O fato é que esta e outras questões sobre o gênero crônica devem ser debatidas e exploradas em todos os ambientes de leitura, em especial, o acadêmico, já que possui uma proximidade maior com o público, quando assume seu aspecto de conversa fácil, irreverente. Desse modo, acreditamos que este arquivo se tornará um meio para auxiliar aqueles que vierem depois e que assumirem interesse pelo gênero e suas particularidades. Acreditamos, ainda, que com a conclusão da pesquisa e com a respectiva transcrição e caracterização do corpus obtido, a sociedade poderá beneficiar-se com mais um material de contribuição para a permanência e valorização da história pernambucana ao analisar a trajetória do gênero nesses periódicos. Por fim, também esperamos que muitos estudantes e docentes venham a ter acesso ao corpus, depois se beneficiarão com a coleta realizada e vão se utilizar dela como base para futuras pesquisas ou publicações.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JR, Davi. **Fragmentos sobre a crônica**. In: Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica - história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione. Col. Margens do texto, 1993.
- CANDIDO, Antonio. **“A vida ao rés do chão”**. In: Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 1980.
- DIMAS, Antônio. **Ambigüidade da Crônica: literatura ou jornalismo?** Revista Littera, Rio de Janeiro, nº 12, p. 47- 52, set/dezembro. 1974.
- FERREIRA, Simone Cristina Salviano. **A crônica: problemáticas em torno de um gênero**. Uberlândia, 2005. 206 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG), 2005.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária - Prosa**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MORAIS, Maria Luiza Nóbrega de. **Presença feminina no jornalismo pernambucano: dos primórdios à regulamentação profissional**. V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciee, São Paulo, 2007.
- NASCIMENTO, Luiz. **História da Imprensa de Pernambuco: 1821-1954**. Recife: Imprensa Universitária, 1966.
- NEVES, V. S.; ARRUDA, A. M. P. **Metacrônica: falo bem, ou falo mal, mas falo de mim mesma**. In: X Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas - SEPECH, 2014, Londrina. Anais do X SEPECH, 2014. v. 20. p. 622-630.
- PORTELLA, Eduardo. **Visão prospectiva de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Ouro, 1974.
- SIMÕES JUNIOR, Álvaro Santos. **Da Literatura ao Jornalismo: Periódicos Brasileiros do Século XIX**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.2, n.2, 2006 p. 129 - 131.
- SOARES, Marcos Vinicius. **A Crônica brasileira no século XIX: Uma Breve História**. São Paulo: Realizações, 2014. São Paulo: Ática. Col. Princípios, 1985. 2.ed. edição.

ANEXOS (Fac-símiles dos jornais)

Anexo 1



(Alabama - Periódico Noticioso, Crítico e Alusivo)

O BEIJO

JORNAL DEDICADO AO BELLO SEXO.

1873

SABBADO 18 DE JANEIRO

(NUM. 1.)

Um dia Christo disse a Lazaro : — ergue-te ! — e do se- pulchro rompendo o sudario frio, cortina que lhe fechava as portas da Eternidade, Lazaro voltou ao jardim da vida.

O *Beijo* é o Lazaro e vós, bel- las leitoras, sois o Christo, que faz despertar do somno que felo por tanto tempo emutudecer. Outr'ora, vós ereis a esperança ; hoje sereis ainda mais — a re- dempção

Sim, é o *Beijo*, que de novo apparece á morrer aquella do- ce bondade de outros tempos, ligeiro, leve, transparente como a folha que cahe dos calices dos jasmims e das corollas das rosas.

Abri-lhe ainda vosso seio, ca- coila perfumada onde anceiam as aspirações alegres. Feri-o com vossos olhos, onde brincam doudos e ardentes os innocentes desejos e elle será feliz.

O *Beijo* é a folhinha sôlta, que vóa a êsmo... amparae-o...

NINA

O sol morria no occaso. As virações da tarde entoavam a canção melancolica do dia que se despede e eu pensava em ti.

Vin-te reclinada á janella fi- cando no ceu a nuvemzinha que vóa... vóa até perder-se nas ne- voas do horizonte, como se se- guisses um sonho, uma phanta- sia alegre, que te fugia. Teus cabellos negros voavam, aco- tando-te as faces morenas. Jun- to de ti as flores trescalavam de aromas divinos ; o sabiá canta- va endechas suaves ; mas, não te arrancavam d'esse scismar angelico.

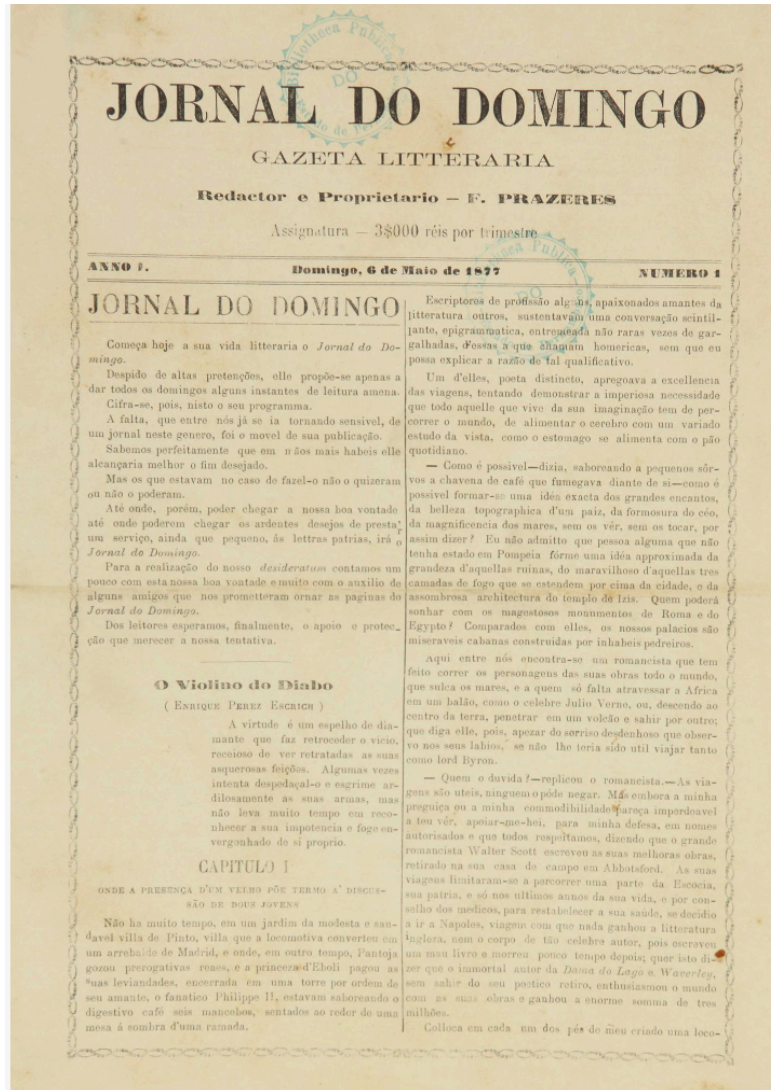
Sim, Nina... Eu te via scis- mande, quando o sol morria no occaso !...

Um beija-flor tremulo, dou- rado, adejava sobre as petalas de uma rosa que se aninhava em teus cabellos e a pobre flor pa- recia reviver aos carinhos ar- dentes do amante, que lhe dá nos seus beijos o que outros dão em accordes e tu estremeceste, temendo que elle te roubasse o segredo que confiavas ao céo, que entristecia ao ouvir os teus suspiros.

Ái, Nina, tu estremeceste com medo de um beija-flor tremulo e dourado !...

Despertaste d'esse somno, que

(O Beijo - Jornal dedicado ao bello sexo)



(Jornal do Domingo - Gazeta Litteraria)

Anexo 2: (O Iris acadêmico - Periodico Scientifico e Litterario 05 de maio de 1859 (Pág. 5) Título: O suicida. Autor: J. Torquato.)

● suicida.

O rei dos astros incansavel em sua apparente e successiva marcha, acaba de desaparecer no occaso; sua luz brilhante é subtrahida pela noite, que estendendo por sobre a terra seu manto clarificado pela mimosa e fagueira lua, convida aos mortaes cançados dos trabalhos e fadigas do dia a buscarem descanso no repouso, onde visitados por Morfeu, esquecidos de tudo deixam-se prender em seus braços.

O mundo, como que inahabitado, torna-se silencioso, e apenas ouve-se o cantar triste de agoureiras aves, e a briza, que agitando-se por entre a folhagem rumoreja brandamente.

No sino da aldeia dá meia noite. Todos dormem, em quanto que lá bem no fundo de um espesso bosque, um vulto de braços cruzados, como tendo povoada sua mente de terriveis pensamentos, passeia com passos pesados e compassados. E' um mancebo de estatura regular, traja todo de preto, tem a barba longa, faces descarnadas, olhos encovados, e como que immoveis, parecem estar sempre fixos para o chão. Elle traz o demonio no corpo e o desespero n'alma!

A lua que poucas braças tem a percorrer no espaço para dar por findo seu curso, e deixar a noite em inteira obscuridade, derrama á esta hora pelo sombrio bosque sua luz côr de prata.

E o mancebo parando no meio de seu remanchado passeio, comprime os labios, range os dentes, franze a testa, e meneiando a cabeça, seus labios se-entre-abrem, e um suspiro ar-

rancado do intimo de seu angustiado peito, que só denota dôr e soffrimento deixam sahir! Sua cabeça, inclinando-se, fica pendente por algum tempo sobre seu peito! A respiração parece apafar-se-lhe, o sangue parar-lhe nas veias, e o seu corpo tornar-se languido!

Mas de momento, como se despertando de um profundo somno, eleva seus olhos ao céu, e por entre a folhagem das frondosas arvores, depara com a lua, cujos argenteos raios já mal reflectem nas aguas crystallinas de um regato, que á um lado corre sumindo-se por entre o bosque, como querendo evitar ser testemunha do horrivel e tristonho espectáculo, a que o ia arrojar a cruenta sorte! Tendo-se ainda o infeliz na mesma posição de braços cruzados e immovel, parece contemplar-a, e encontrar n'ella allivio para as suas maguas! Assim entregue o desventurado a profundas meditações, deixa escapar alguns gemidos mal articulados.

A lua tem vencido seu curso, e desaparecendo no Horizonte, densas trevas cobrem o tetrico bosque.

Um tremor convulsivo, qual choque electrico, corre-lhe por todo corpo, uma nuvem negra passa-lhe pelos olhos, e a vista turva-se-lhe!.. Elle caminha apressado para um, para outro lado, leva a mão a cabeça, puxa pelos cabellos, maldiz o seu Deus, a sua sorte... tinir de correntes e bulhas horriveis atormentam-no, ao mesmo tempo que vozes infernaes lhe soam aos ouvidos: — coragem.. coragem.. ao ferro... ao ferro... põe termo a tua dor!..

E o desgraçado, dominado pelo desespero, que o fulmina, solta uma estridente gargalhada... Elle está louco!.. E guiado pelas furias do Acheronte lança mão do ferrão, ergue sua dextra agitada, e descarregando golpe mortal sobre seu peito, o ferro se encrava por entre borbotões de espumante sangue!.. Arquejante o miserando cahe por terra; e estorcendo-se no seu leito de dor, cobre-se seu rosto da pallidez da morte, cerram-se-lhe as palpebras para sempre e o seu corpo torna-se inanimado!

Sobre a terra já não existe senão um cadaver: á esta pertence a parte material e d'ella se apodera; e quanto ao espirito, oh! esse vóa por sobre as regiões infindas do espaço!..

J. TORQUATO.

Anexo 3: (Academus - Periodico scientifico e litterario - Pernambuco 15 de Junho de 1876 Título: Devaneios. Autor: Claudius Hermann.).

—
Devaneios
POR
Claudius Hermann
(Continuação)
III

Era n'uma cidade bonita, esplendida e palpitante. Era em junho, na festa do precursor do Christo.

A noite estava brilhante do lume das fogueiras: o ambiente bordava-se de fogos cambiantes.

Do palacio á choupana tudo era luz. Todos os corações se estremeciam de prazer. A mocidade ardente de formuzura alimenta o riso incessante do feliz.

O homem era mais elevado, a mulher era mais sublime !

O céu marchetava-se de milhões de mundos---brilhantes que Deus engasta no azulado docel do seu throno. O mar era um lago manço que abraçava a praia, sua noiva esquiva. As nuvens eram um bando de garças que esvoaçavam.

Tudo isto era bello: tudo isto me fez sorrir. Estava alegre, mas dessa alegria indefinivel e vaga, que transparece nos olhos, na palavra, na voz, e que devia chamar-se o riso d'alma, o riso intimo.

Um rosto moreno e corado, que denota uma lava ferosa a sacudir-lhe a alma, a dar-lhe aos olhos um brilho encandescente;---um rosto alvo e pallido, que atraiçoa o segredo do muito amor escondido no imo do peito---me teriam arrebatado de euthusiasmo e amor, si aquelle me desse um sorriso, ou se este me mandasse n'um olhar toda sua alma terna e cheia de toda divina volupia.

Se eu nessa occasião tivesse visto Alice como sempre encantadora e amorosa, que de poemas de goso; quanto amor eu lhe daria em troca do seu tão puro e tão santo !

Oh! mas ella não estava ahi... Talvez uma mão infernal me separasse della, quando me era mais necessaria a sombra de suas azas anglicaes.

No entanto estava fascinado pelo mo-

vimento alegre da mocidade caprichosa.

Dansavam e eu fui dançar tambem. Um poder oculto me impellia aos braços da louca Terpsichore. Não sabia que ella de envolta com o goso propina o veneno fatal ás crenças, á candura, e á innocencia, não sabia que ella como vampiro miseravel enquanto lisongeia as paixões, crava bem profundamente n'alma o germen do crime, que brota, cresce e produz os fructos da morte, que depois a sociedade vaidosa e hypocrita repelle com horror.

Essa ignorancia me perdeo.

Os primeiros compassos de uma valça cadente e lasciva chamavam-nos á dança. Aproximei-me de uma moça, a quem pela primeira vez via: bella como a madona do pintor italiano, ou como a filha das espumas.

Oh, quantas vezes presentimos uma scena do drama futuro ! Quantas vezes o genio do bem parece tomar-nos pela mão e dizer-nos ao ouvido:

Incauto, vê o caminho que trilhas, repara nos cardos, que o jucam; si pisares n'um delles por certo que seos espinhos ponteagudos se embeberão no teu pé, no teu pé que ainda não pisou a senda das desesperanças. Cuidado !

Fatalidade ! Bofé que eu senti a alma fechar-se rapidamente, a alegria, como a sentiva as suas folhas ao toque da mão que a pode profanar. E eu ri-me, mais de um rir mesclado de não sei o que de vago, de duvidoso de amargo. E' que minh'alma sentira a mão pesada e cynica da fatalidade.

—

Anexo 4: (O Album - Orgão da Sociedade Litteraria Brasileira Bernardo Vieira de Mello - 01 de Junho de 1900 (Pág. 3) Título: Clotilde. Autor: Adalberto Ribeiro.).

Clotilde

I

Recostada silenciosamente no peitoril de sua janella, Clotilde scismava, talvez, nos mysterios incompreensiveis do Amor e sua bocca rubra purpurina agitava-se de vez em quando como se alguma palavra perigosa quizesse lhe sahír surrateiramente.

Extasiado por esta reprodução fiel da esposa de Vulcano abrandei sensivelmente os passos e o meu olhar.— estranho beija-flor, que jámais repuosara em moça alguma, dardejou pelas rosas de suas faces, ousando tocar-lhes de mansinho.

Clotilde estremeceu !

A côr levemente colorida do seu rosto como que pela mudança de um scenario estranho substituiu a escarlatina coloração ao jambo.

Temia offender a Formusura e a Formusura sorrio bondosamente !

Um sentimento inexplicavel— um mixto de voluptia e tristeza— apoderou-se do meu coração, fraca fortaleza que rendeu-se ao primeiro golpe daquella arrebatadora menina.

Não sei... se era Amor !!!

ADALBERTO RIBEIRO.

Anexo 5: (O Album - Orgão da Sociedade Litteraria Brasileira Bernardo Vieira de Mello - 01 de Junho de 1900 (Págs. 3-4) Título: Os dous amantes. Autor: Demetrio Martinho).

Os dous amantes

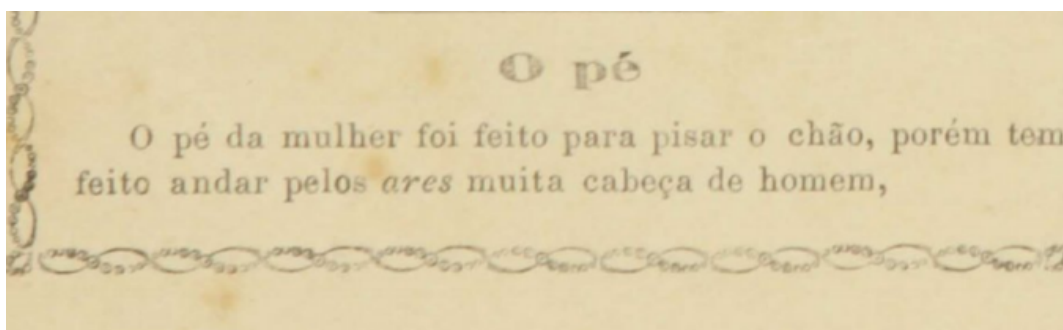
(Ao academico Arthur Virgilio)

O esboço mal delineado que venho traçar teve por protagonista dous amantes. Bella e incomparavelmente bella era a moça.

Sua idade orçava em quinze annos. A expressão fascinadora do seu olhar adoravel, seu semblante moreno e divinamente seductor, tudo trazia-me preso de amor e preso de encanto que phantaziava-me a existencia alegrando-me o coração. Ella era orphã e honestamente vivia em companhia d'aquella que lhe dera o sêr. E eu e a minha amante nos idolatravamos como duas creanças unidas e des- preoccupadas: eu não sabia se o

Era noite. O céu recamava-se de luminosas flores, como se accêssas fossem pelos anjos encarregados de velar pela sagrada illuminação divina. Aves nocturnas, em alegres bandos, esvoaçam celere- mente pelo infinito em fóra; e a lua pratea splendidamente a terra dando assim, áquellas paragens tristes e silenciosas, um tom poe- tico das bellas noites de Ontono.

Anexo 6: (Jornal de Domingo (13 de Maio de 1877) (pág. 6) Título: O pé. Autora: Helena Amalia).



Outr'ora precisava para agradar que fosse pequeno e calçasse quando muito 32.

Hoje pôde calçar até 38, comtanto que esteja dentro de uma botina da moda, destas em que o salto deixa ficar atraz quatro ou cinco pontos.

Ha:

O *pé aristocratico*, acreo, cavado, esguio, pequeno, côr de rosa, mimosamente calçado em uns sapatinhos a Luiz XV, que deixam ver a poetica meia de seda!

E o *pé burquez*, grosso, chato, grande, com o joanete sahido, a jogar dentro de uma botina de duraque preto gaspeada.

Este é simplesmente a base do corpo, aquelle alguma cousa mais.

Este pousa redondamente no chão, aquelle toca apenas a terra.

De ordinario nas meças de quinze annos o pé é buliçoso, inquieto, traquinas, algumas vezes malcreado, a bater o chão por qualquer contrariedade.

Nas mulheres de vinte e cinco annos o pé é pensativo (permittam-me a expressão), indolente, promettedor, e os seus movimentos são cadenciados.

Deixo em paz o *pé de pombo calçado*, quasi que inteiramente encoberto pelas rendas da cumprida calça, e o *pé que chama*, todo á mostra, apezar de estar calçado n'uma botina cujo cano vai até o meio da perna, porque não gosto dos extremos.

Conta-nos a historia que a celebre Dubarry, que mostrára impudentemente a um artista algumas de suas belezas secretas corou ao deixar cahir a meia.

Où la vertu va-t'elle se nicher !

HELENA AMALIA

PHASES DA VIDA

A primeira idade passa, como passa o vento que arrebatando as flores do jardim, as arremessa ao chão, depois de haurir-lhes o aroma; e continuando sua carreira vertiginosa, arrasta tudo que encontra após si, até que para, porque acha um obstaculo a sua insensatez.

*
* *

Assim passa a primeira idade do homem levando consigo os perfumes mais delicados que tem aspirado, os prazeres mais innocentes que tem gozado; depois vem essa idade em que nossas ideas se tornam mais nobres e mais elevadas, os nossos desejos mais exigentes e impossiveis de satisfazer; os nossos sonhos dourados, sonhos loucos de amor e de ambição; as aspirações de um poder sem limites; um ideal poetico, mystico, cheio de delirios, tudo, tudo que o homem pode desejar e tem sêde de gozar.

E depois que tudo desaparece neste abysmo voraz que se chama — mundo — o que nos resta? uma saudade «pranto amargo de infelizes na phrase de Garret; a perda das nossas illusões mais queridas, a atrophia do nosso coração, o esphacelamento de nossa alma e como Child Harold dizemos «como tudo está mudado!»

Sim, porque o nosso coração não palpita como d'antes? porque a nossa alma está triste? porque não temos os mesmos desejos, as mesmas aspirações, as mesmas ideas da mocidade? Ah! é porque os sonhos dourados d'essa idade se esvairam como se esvae o fumo levado pelo vento; as illusões desapareceram para não tornarem mais; e d'esse tempo em que haurimos loucamente a vida só nos resta — a saudade — e um adeus ao passado.

22 de Dezembro 1895.

SALES MORAES.

Pensamentos.

O HOMEM PÓ.

Em que nos distinguimos os vivos dos mortos? Os mortos são pó, e nós também somos pó. Em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguimo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado; os mortos são pó cahido: os vivos são pó, que anda; os mortos são pó que jaz. Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé de vento; levanta-se o pó no ar; e o que faz? O que fazem os vivos e muitos vivos. Não aquieta o pó, nem pode estar quedo: anda, corre, vôa; entra por esta rua, sahe por aquella; já vai adiante; já torna atraz: tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra; em tudo e por tudo se mete, sem aquietar, nem socegar um momento, emquanto o vento, parou, ali fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte ou na campanha. Não é assim? Assim é. E que pó, e que vento é este? O pó somos nós: o vento é a nossa vida. Deu o vento, levantou-se o pó: parou o vento, cahio. Deu o vento, eis o pó levantado; estes são os vivos. Parou o vento, eis o pó cahido; estes são os mortos; os vivos pó levantado; os mortos pó cahido; os vivos pó com vento, e por isso vão; os mortos pó sem vento, e por isso sem vaidade. Esta é a distincção e não ha outra.

PADRE VIEIRA.

Anexo 9 : O Alpha - 22 de outubro de 1896 (Pág 4). Título: Chronica. Autor: M. Monclair.

CHRONICA

Chronica na presente epoca só se fôr uma chronica feia, macarronica, hydropica, andaçuda, coberta de enchaquecas, afinal uma chronica inelegel e suja como a estação que atravessamos, mas uma chronica *de verdade nem por sombras*. O Carvalho, o secretario da nossa troça de atrevidos *novos*, com a pose do monge Freire na Thebaida la do Aragão, grita-me: *O seu moço*, a chronica é sua e toca a escrever. Pego da pena... e lá vae obra, Pernambuco este pedaço de norte brasileiro, deixou a muito de ser o bravo Leão indomavel e feroz, *sem peias nem lei*, para ser, o que o leitor sabe, o que eu sei.. mas não digo.

Eis, um bom principio de chronica. O assumpto é muito arrejado, e melhor *engendrar outro*. Fallemos do amor, este demonio que faz dos cora-

FRUCTOS AMARGOS

Não sou chronista, nem crítico, digo o que sei e o que posso dizer em face dos acontecimentos.

Os estellionatarios litterarios e scientificos, possuem uma certa astucia dolosa em transmettir para si a propriedade de pensamentos alheios com um falso titulo de posse, o que eu considero uma doença psychologica, uma enfermidade aggravada pela mania de subír sem as forças musculares inherentes aos seres fortes.

Não sei copiar de má fé, trememe a mão quebra-se a penna e borra-se o papel quando o faço.

Não tenho geito para a coisa, e por isso considero-me isento da *figura* do costume.

Ficará, porem, muito honrosa e modestamente o meu nome no recanto d'este hebdomadario, salvo dos piparotes do estylo.

Estou livre da offerta de qualquer copo d'agua, de retratos a óleo e de bonds cheios das bandeirinhas diversos que formam as alegrias das ovações costumeiras.

E lá vai o que sei e o que me é permitido dizer.

Nos tempos passados em que a alma academica possula o calor dos trevimentos escolasticos e da effervescencia das idéas, que accumuladas no espirito de uma mocidade sãdia, agitada e arrojada, como um leão que se liberta da jaula em que o sacudiram a bem dos animaes que raciocinam, disposto a actividade que as suas forças restantes lhe permitem, encontrava se na vastissima orbita da Publicidade, o producto de estudos apurados, e nomes sympathicos que os firmavam, os quaes lembravam a pujança de muitos cerebros lucidos e a intrepidez de muitos talentos que ainda hoje na lucta pela vida fazem honras a historia da movimentação dos muitos principios, que estabelecem as maximas questões que, em obediencia as nossas necessidades crescentes, se desenvolvem em pleno dia de evolução.

Estamos em uma intensa noite academica, nem um jornal, nem um livro, nos dão os alumnos actuaes da escola de direito !!!